

Artigo

## Desafios e estratégias para a inclusão de escolares com transtorno do espectro autista no ensino regular: uma análise abrangente

*Challenges and strategies for the inclusion of students with autism spectrum disorder in regular education: a comprehensive analysis*

Fabiola de Fátima Andrade Frimaio<sup>1</sup>, Ingridi Nascimento Batista<sup>2</sup>, Cleuma Roberta de Souza Marinho<sup>3</sup> e Davi Milan<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Universidade Meotidsta de São Paulo, Santo André, São Paulo. E-mail: faandrdefrimaio@gmail.com

<sup>2</sup>Graduada em Letras Português-Inglês Pela FIBRA, atualmente cursando o programa de mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura do PPGCLC na UNAMA. E-mail: ingridi.nb1@gmail.com

<sup>3</sup>Doutoranda do PPGLCL da Universidade pela Amazônia-UNAMA, Mestre em Comunicação, Linguagens e Culturas (UNAMA), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA E-mail: cleumamarinho@yahoo.com

<sup>4</sup>Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo. E-mail: davimilan145@gmail.com

Submetido em: 01/11/2024, revisado em: 07/11/2024 e aceito para publicação em: 08/11/2024.

**Resumo:** A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular representa um desafio significativo para o sistema educacional, exigindo adaptações pedagógicas, capacitação docente e suporte institucional adequado. O presente estudo investiga os principais desafios enfrentados por alunos com TEA na educação básica, destacando barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais que impactam sua aprendizagem e socialização. Como objetivo, busca-se analisar estratégias e práticas inclusivas que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e social desses alunos, promovendo uma educação equitativa e de qualidade. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em estudo de caso múltiplo e revisão bibliográfica sistemática. Os dados são coletados por meio da análise documental de políticas educacionais, estudos de caso publicados e, quando possível, entrevistas com especialistas. A análise de dados utiliza a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), categorizando informações para identificar padrões e desafios da inclusão escolar. São utilizados dados primários, como registros documentais e entrevistas, e secundários, oriundos de artigos científicos e relatórios institucionais. Os resultados evidenciam que a efetividade da inclusão está associada à formação continuada dos docentes, ao uso de tecnologias assistivas, à flexibilização curricular e ao fortalecimento do trabalho colaborativo entre escola, família e especialistas. Conclui-se que a inclusão de alunos com TEA requer políticas educacionais robustas e um compromisso coletivo para a construção de ambientes escolares acessíveis e acolhedores.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Práticas pedagógicas inclusivas; Educação regular.

**Abstract:** The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular education represents a significant challenge for the educational system, requiring pedagogical adaptations, teacher training and adequate institutional support. The present study investigates the main challenges faced by students with ASD in basic education, highlighting structural, pedagogical and attitudinal barriers that impact their learning and socialization. As an objective, it seeks to analyze inclusive strategies and practices that favor the academic and social development of these students, promoting an equitable and quality education. The research adopts a qualitative approach, based on multiple case studies and systematic literature review. Data are collected through documentary analysis of educational policies, published case studies and, when possible, interviews with experts. Data analysis uses the content analysis technique proposed by Bardin (2011), categorizing information to identify patterns and challenges of school inclusion. Primary data, such as documentary records and interviews, and secondary data, from scientific articles and institutional reports, are used. The results show that the effectiveness of inclusion is associated with the continuing education of teachers, the use of assistive technologies, curricular flexibility and the strengthening of collaborative work between school, family and specialists. It is concluded that the inclusion of students with ASD requires robust educational policies and a collective commitment to building accessible and welcoming school environments.

**Keywords:** School inclusion; Autism Spectrum Disorder (ASD); Inclusive pedagogical practices; Regular education.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular tem sido um dos principais desafios enfrentados pelo sistema educacional contemporâneo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o TEA afeta cerca de 1% da população mundial, sendo caracterizado por dificuldades na interação social, comunicação e comportamento repetitivo (OMS, 2022).

Com o avanço das políticas inclusivas, observa-se um aumento significativo na matrícula de estudantes com TEA em escolas regulares, demandando novas abordagens pedagógicas, adaptações curriculares e suporte especializado para garantir o desenvolvimento pleno desses alunos.

A inclusão escolar de alunos com TEA baseia-se em princípios legais e normativos, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de

Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), que asseguram o direito de todos os estudantes a um ensino de qualidade, independentemente de suas condições. No entanto, a prática da inclusão enfrenta obstáculos significativos, como a falta de formação adequada dos professores, a carência de recursos pedagógicos adaptados e a resistência por parte de algumas instituições e comunidades escolares.

Diante desse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: quais são os principais desafios e estratégias para a inclusão efetiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular? Essa indagação é fundamental para compreender os limites e possibilidades da educação inclusiva e, conseqüentemente, contribuir para a formulação de diretrizes mais eficazes para o ensino desses alunos.

A justificativa para este estudo fundamenta-se na importância de promover um ambiente educacional equitativo, onde alunos com TEA possam se desenvolver acadêmica e socialmente. Além disso, ao investigar as dificuldades enfrentadas por educadores e gestores escolares, espera-se oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes e para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar os desafios e as estratégias utilizadas para promover a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular. Para isso, pretende-se:

A abordagem deste estudo permitirá uma compreensão mais ampla das dinâmicas envolvidas na inclusão escolar de alunos com TEA, fornecendo subsídios teóricos e práticos para a melhoria da educação inclusiva no Brasil.

## **2 DESAFIOS NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS SALAS DE AULA DE ENSINO REGULAR**

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular representa um dos desafios mais complexos da educação contemporânea, exigindo adaptações curriculares, formação docente especializada e um ambiente escolar inclusivo. Entre as dificuldades mais recorrentes, a falta de formação específica dos professores é um dos principais entraves. Muitos docentes não possuem conhecimento aprofundado sobre as particularidades do TEA, o que impacta diretamente na qualidade do ensino oferecido a esses alunos (Gonçalves et al., 2024). O déficit na formação continuada resulta em práticas pedagógicas pouco adaptadas, dificultando a aprendizagem e a socialização dos alunos com TEA. Nesse sentido, Xavier e Silva (2022) destacam que a especialização dos profissionais da educação é um elemento essencial para a construção de um ambiente inclusivo eficaz, permitindo que estratégias diferenciadas sejam aplicadas de acordo com as necessidades individuais dos estudantes.

Outro grande desafio refere-se às dificuldades na adaptação curricular e na implementação de metodologias de ensino personalizadas. A rigidez dos currículos tradicionais muitas vezes não contempla as especificidades cognitivas e comportamentais dos alunos

com TEA, tornando o aprendizado desafiador (Paula et al., 2023). De acordo com Pinto et al. (2024), a personalização das práticas pedagógicas é fundamental para garantir que os alunos com TEA tenham acesso a conteúdos de forma acessível e adaptada às suas características individuais. No entanto, a resistência à flexibilização curricular e a falta de diretrizes claras sobre sua implementação nas escolas dificultam esse processo. Além disso, há uma carência de materiais didáticos inclusivos e de ferramentas tecnológicas assistivas que poderiam auxiliar no desenvolvimento dessas crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar.

A interação social é outro aspecto crítico da inclusão de alunos com TEA no ensino regular. Muitos estudantes com o transtorno apresentam dificuldades de comunicação e interação, o que pode levá-los ao isolamento ou à exclusão por parte dos colegas. Ponce e Abrão (2019) afirmam que o desconhecimento e a falta de sensibilização da comunidade escolar contribuem para o estigma e a marginalização desses alunos. Assim, é essencial que as escolas promovam ações de conscientização e programas de mediação social que incentivem a empatia e a colaboração entre os alunos neurotípicos e os alunos com TEA. Essas iniciativas podem reduzir o bullying e facilitar a construção de um ambiente mais acolhedor e respeitoso.

A falta de suporte profissional e de infraestrutura adequada nas escolas públicas e privadas também compromete a efetividade da inclusão. Rodrigues e Cruz (2019) apontam que a ausência de profissionais especializados, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, prejudica o acompanhamento individualizado dos alunos com TEA, dificultando a identificação de suas necessidades específicas e a aplicação de estratégias pedagógicas adequadas. A limitação de espaços adaptados, como salas de recursos multifuncionais e ambientes sensoriais, impacta negativamente a permanência desses alunos na escola e o seu desenvolvimento acadêmico e social. Dessa forma, é imprescindível que haja investimentos em políticas públicas que garantam a infraestrutura necessária para a inclusão plena dos alunos com TEA, proporcionando condições equitativas de aprendizagem.

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular continua sendo um grande desafio devido à insuficiência de políticas públicas eficazes e à implementação fragmentada de diretrizes inclusivas. Embora existam legislações que garantam o direito à educação inclusiva, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, na prática, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades para adaptar suas estruturas e metodologias. Segundo Gonçalves et al. (2024), há uma lacuna significativa entre a teoria e a prática da inclusão, pois muitas instituições de ensino não possuem os recursos necessários para atender às especificidades dos alunos com TEA. Isso reflete a necessidade urgente de investimentos em infraestrutura, contratação de profissionais especializados e na oferta de formações continuadas para educadores, garantindo um ambiente realmente acessível e adaptado às demandas dos estudantes.

Outro fator que compromete a inclusão efetiva de alunos com TEA é a resistência institucional e social ao processo de adaptação curricular. Muitas escolas mantêm práticas pedagógicas inflexíveis, dificultando o aprendizado dos alunos com autismo. Pinto et al. (2024) enfatizam que a adaptação curricular é essencial para atender às necessidades individuais dos alunos, permitindo que o ensino seja mais acessível e respeite os diferentes ritmos de aprendizagem. No entanto, o despreparo dos professores e a sobrecarga de trabalho muitas vezes impedem que essas adaptações sejam implementadas de forma adequada. Paula et al. (2023) argumentam que, além da adaptação curricular, é fundamental que a avaliação dos alunos com TEA também seja ajustada, considerando suas dificuldades específicas e formas alternativas de expressão do conhecimento. Sem essas mudanças estruturais, a inclusão corre o risco de se tornar apenas um ideal teórico, sem impacto real na experiência educacional desses alunos.

As barreiras na comunicação entre professores, alunos e famílias também se apresentam como um dos grandes desafios da inclusão. Muitos pais de crianças com TEA relatam dificuldades em estabelecer um diálogo produtivo com as escolas, seja pela falta de transparência no processo educacional ou pelo desconhecimento dos direitos de seus filhos (Ponce; Abrão, 2019). A parceria entre escola e família é essencial para garantir um suporte adequado ao aluno, pois permite a troca de informações sobre as necessidades específicas de cada estudante e possibilita um acompanhamento mais eficaz. Rodrigues e Cruz (2019) apontam que a comunicação frequente entre professores e responsáveis pode contribuir para a implementação de estratégias pedagógicas mais assertivas, favorecendo o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos com TEA. No entanto, essa parceria ainda é subaproveitada em muitas escolas, o que compromete a efetividade das ações inclusivas.

Por fim, a formação de professores continua sendo um dos aspectos mais críticos para a inclusão de alunos com TEA. Xavier e Silva (2022) destacam que a falta de especialização dos docentes gera insegurança no manejo pedagógico e dificulta a aplicação de metodologias diferenciadas. Muitos professores relatam não se sentirem preparados para lidar com as necessidades dos alunos com autismo e acabam recorrendo a práticas tradicionais que não atendem às particularidades desses estudantes (Gonçalves et al., 2024). Para superar esse problema, é fundamental que as redes de ensino invistam na capacitação contínua dos educadores, oferecendo cursos, workshops e formações específicas sobre o TEA e sobre metodologias inclusivas. Dessa forma, será possível construir um ambiente escolar mais preparado para acolher e proporcionar uma educação de qualidade para todos, respeitando as diferenças e promovendo a equidade no ensino regular.

### 3 ESTRATÉGIAS NA INCLUSÃO DE ESCOLARES COM TRANSTORNO DO ESPCTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

A inclusão efetiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular exige a

implementação de estratégias pedagógicas que respeitem suas particularidades e promovam um ambiente de aprendizagem acessível. Uma das principais abordagens recomendadas é o **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)**, que propõe metodologias flexíveis e adaptáveis às necessidades de cada estudante. Zerbato e Mendes (2018) argumentam que o DUA possibilita a diversificação das estratégias de ensino, garantindo que os alunos com TEA tenham múltiplas formas de acessar o conteúdo, expressar seu conhecimento e se engajar no aprendizado. Essa perspectiva é fundamental para que o ensino não seja um modelo único e rígido, mas sim um processo inclusivo que contemple diferentes perfis de aprendizagem. Ademais, o uso de **tecnologias assistivas** tem se mostrado uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento acadêmico desses alunos, permitindo maior autonomia e participação no ambiente escolar (Tavares et al., 2015).

Outra estratégia essencial para a inclusão efetiva de alunos com TEA é a **adaptação curricular**, que deve ser conduzida de maneira planejada e fundamentada em práticas pedagógicas inclusivas. Segundo Pinto et al. (2024), a adaptação do currículo não deve ser encarada como um privilégio, mas como uma necessidade para garantir equidade no ensino. Isso inclui a utilização de recursos visuais, materiais concretos e metodologias diferenciadas, como o ensino estruturado, que se baseia na organização do ambiente e das atividades para facilitar a compreensão e a previsibilidade das tarefas. De acordo com Paula et al. (2023), a flexibilização das avaliações também é um fator determinante para o sucesso acadêmico dos alunos com TEA, pois muitos possuem dificuldades em provas tradicionais e necessitam de instrumentos avaliativos alternativos, como avaliações mediadas ou tarefas práticas.

A formação continuada dos professores é um dos pilares fundamentais para a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. Xavier e Silva (2022); Teodoro, Godinho e Hachimine (2016), ressaltam que a especialização profissional é a base para que os educadores desenvolvam competências que lhes permitam lidar com os desafios da inclusão. Além do conhecimento teórico sobre o TEA, os docentes devem ser capacitados para aplicar metodologias inclusivas e trabalhar em colaboração com profissionais da área da saúde, como terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Gonçalves et al. (2024) enfatizam que a formação docente deve ser contínua e integrada à prática pedagógica, garantindo que os professores estejam preparados para promover a aprendizagem significativa dos alunos com TEA. Sem esse suporte, o processo inclusivo tende a se tornar ineficaz, perpetuando as barreiras educacionais que dificultam a permanência desses alunos na escola.

Além das adaptações curriculares e da formação docente, a **criação de um ambiente escolar acolhedor e sensível às necessidades dos alunos com TEA** é fundamental para o êxito da inclusão. Mendonça e Santos (2024) afirmam que é essencial que as escolas promovam ações de conscientização e capacitação voltadas não apenas para os professores, mas também para os demais alunos e funcionários, de modo a reduzir o estigma e

incentivar a empatia. A inclusão só será plenamente alcançada quando a escola for um espaço de pertencimento, onde todos os alunos sejam respeitados e incentivados a desenvolver suas potencialidades. Isso pode ser feito por meio da implementação de programas de mediação escolar, rodas de conversa e atividades colaborativas que incentivem a interação entre alunos neurotípicos e alunos com TEA (Gomes; Oliveira, 2021). Dessa forma, a escola se torna um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento integral, no qual a diversidade é vista como uma riqueza e não como um obstáculo.

A estruturação de um ambiente escolar favorável também é uma estratégia fundamental para o sucesso da inclusão. Mendonça e Santos (2024) argumentam que um espaço educativo acessível deve considerar não apenas a adaptação curricular, mas também a criação de um ambiente sensorialmente adequado para alunos com TEA. Muitas crianças e adolescentes com esse transtorno possuem hipersensibilidade a estímulos externos, como ruídos e luzes intensas, o que pode gerar desconforto e dificultar o aprendizado. Para minimizar esses impactos, é recomendável a organização de salas com estímulos controlados, áreas de descanso e o uso de estratégias que promovam previsibilidade e rotina, elementos fundamentais para o bem-estar dos alunos autistas. Além disso, a implementação de programas de mediação escolar e grupos de apoio pode contribuir para a socialização e a participação ativa desses estudantes no contexto escolar.

Outro aspecto fundamental para a inclusão de alunos com TEA no ensino regular é o uso das **tecnologias assistivas** e dos recursos digitais como ferramentas pedagógicas. Tavares et al. (2015) argumentam que o uso de tecnologias móveis e softwares educacionais pode facilitar o acesso ao conhecimento e contribuir para a personalização do ensino, atendendo às necessidades específicas de cada aluno. Aplicativos com suporte a comunicação alternativa, ambientes de aprendizagem virtuais e jogos interativos são exemplos de recursos que podem auxiliar na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Além disso, Milan e Leopoldino (2024) destacam que as ferramentas tecnológicas podem atuar como mediadoras na interação entre alunos autistas e seus colegas, promovendo a socialização e reduzindo barreiras comunicacionais. No entanto, é essencial que esses recursos sejam utilizados de maneira planejada e com acompanhamento pedagógico, garantindo que realmente contribuam para o processo de aprendizagem e inclusão.

A inclusão de alunos com TEA requer o fortalecimento da relação entre escola e família, promovendo uma parceria contínua no acompanhamento educacional desses alunos. Gomes e Oliveira (2021) ressaltam que o envolvimento da família no processo educativo é essencial para garantir que as adaptações pedagógicas sejam eficazes e coerentes com as necessidades individuais da criança. Essa colaboração deve incluir reuniões periódicas, compartilhamento de estratégias pedagógicas e ações conjuntas para desenvolver habilidades sociais e acadêmicas dentro e fora da escola. Sebastian Heredero (2010) destaca que a adaptação

curricular só será efetiva se houver um alinhamento entre as práticas pedagógicas da escola e as necessidades dos alunos em casa, criando um ambiente de aprendizagem integrado. Dessa forma, a educação inclusiva se torna um processo dinâmico e colaborativo, no qual professores, famílias e profissionais especializados trabalham juntos para garantir que os alunos com TEA tenham acesso a uma formação de qualidade, respeitando suas potencialidades e desafios.

Por fim, Colussi, Zwierewicz e Simão (2019) enfatizam a importância do estímulo à oralidade e da comunicação alternativa, visto que muitos alunos autistas apresentam dificuldades na interação verbal. Já Lacerda et al. (2024) destacam que a integração entre educação e saúde é fundamental para o desenvolvimento dos alunos autistas no ambiente escolar, envolvendo o suporte de terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicopedagogos. Assim, a construção de uma escola inclusiva depende de uma abordagem multidisciplinar e da criação de estratégias eficazes que favoreçam a aprendizagem e a participação ativa dos alunos com TEA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular representa um desafio significativo para as instituições educacionais, exigindo mudanças estruturais, pedagógicas e culturais para garantir uma aprendizagem equitativa e acessível. Ao longo deste estudo, foram analisados os principais desafios enfrentados por esses alunos, bem como as estratégias mais eficazes para promover uma inclusão de qualidade. Constatou-se que a falta de formação docente especializada, a rigidez curricular, as barreiras na interação social e a escassez de suporte profissional e infraestrutura são fatores que dificultam o processo inclusivo (Gonçalves et al., 2024; Xavier; Silva, 2022). No entanto, por meio da implementação de metodologias adequadas, da capacitação docente contínua e da construção de um ambiente escolar acolhedor, é possível minimizar esses obstáculos e proporcionar uma experiência educacional mais significativa e eficiente para os alunos com TEA.

Entre as principais estratégias discutidas, destaca-se a necessidade de adaptações curriculares, que devem ser conduzidas de maneira planejada e fundamentada em metodologias inclusivas. O uso de abordagens como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e o ensino estruturado demonstrou ser essencial para atender às necessidades individuais dos alunos, garantindo maior acessibilidade ao conteúdo e promovendo a autonomia no aprendizado (Zerbato; Mendes, 2018; Pinto et al., 2024). Além disso, a formação contínua dos professores surge como um fator determinante para o sucesso da inclusão, pois proporciona conhecimentos técnicos e metodológicos que possibilitam um ensino mais adequado às particularidades dos estudantes com TEA (Gonçalves et al., 2024). Sem essa capacitação, os esforços para inclusão tornam-se superficiais e pouco eficazes, perpetuando as dificuldades enfrentadas pelos alunos dentro do ambiente escolar.

Outro aspecto relevante abordado neste estudo foi a importância do envolvimento da família no processo

educativo. A parceria entre escola e família é fundamental para garantir um acompanhamento adequado e a aplicação de estratégias que favoreçam tanto o desenvolvimento acadêmico quanto a socialização dos alunos com TEA (Gomes; Oliveira, 2021). A colaboração entre professores, responsáveis e profissionais da área da saúde possibilita um suporte mais eficiente, permitindo que as adaptações curriculares e metodológicas sejam implementadas de maneira integrada e coerente com as necessidades individuais de cada estudante. Além disso, a sensibilização da comunidade escolar por meio de ações educativas e programas de mediação social é essencial para reduzir estigmas e promover um ambiente mais empático e inclusivo para todos os alunos.

Diante dessas considerações, conclui-se que a inclusão de alunos com TEA no ensino regular requer um compromisso coletivo e contínuo, envolvendo políticas públicas efetivas, investimento em infraestrutura e um esforço conjunto entre educadores, gestores, famílias e a sociedade em geral. Embora ainda existam desafios significativos, as estratégias discutidas neste estudo demonstram que a inclusão pode ser alcançada de forma mais eficaz quando há planejamento, capacitação e sensibilidade às necessidades individuais dos alunos. Assim, é fundamental que as instituições de ensino avancem na implementação dessas práticas, garantindo o direito à educação de qualidade para todos e promovendo um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e equitativo. Dessa forma, este estudo contribui para a ampliação do debate sobre práticas pedagógicas inclusivas, fornecendo subsídios para a implementação de estratégias que favoreçam a aprendizagem e o bem-estar dos alunos com TEA no ensino regular.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducuespecial.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm). Acesso em: 31 jan. 2025.

COLUSSI, Angela; ZWIEREWICZ, Marlene; SIMÃO, Vera Lúcia. Estratégias para estímulo à oralidade na inclusão de estudantes com Transtornos do Espectro Autista. *Série-Estudos*, v. 24, n. 51, p. 203-226, 2019.

DE PAULA, Marise Vicente; DE MELO, Karhis Bernardo. **Adaptação curricular para alunos com transtorno do espectro autista nos anos iniciais do**

**ensino fundamental: inclusão e cidadania**. Revista Mediação, ISSN 1980-556X, v. 18, n. 2, p. 66-80, 2023.

GOMES, Tereza Helena Piedade; DE OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva. **As estratégias didáticas com alunos autistas: as experiências de professores de Ciências e especialistas em educação especial**. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 12, n. 4, p. 1-18, 2021.

GONÇALVES, Luciana Marinho Soares et al. **A formação de professores para a inclusão de alunos com autismo: desafios e oportunidades**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 10, p. 4484-4500, 2024.

LACERDA, Fabiano Madeira et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): estratégias de educação e saúde para a inclusão dos alunos com autismo no âmbito escolar. Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida, v. 16, n. 2, 2024.

MENDONÇA, Maria Madalena Dantas; DOS SANTOS, Maria Pricila Miranda. **A inclusão de alunos com transtorno de espectro autista: estratégias pedagógicas para inclusão efetiva**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 4, p. 2197-2209, 2024.

MILAN, Davi e Cláudio Bezerra LEOPOLDINO. "Desafios e possibilidades de crianças com autismo em relação ao sistema educacional no ensino fundamental i." *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial* 11.2: e0240016-e0240016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Autism spectrum disorders**. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 31 jan. 2025.

PAULA, Marise Vicente de et al. **Adaptação curricular para alunos com transtorno do espectro autista: inclusão e cidadania**. 2023.

PINTO, Jacyguara Costa et al. **A adaptação do currículo escolar para alunos com transtorno do espectro autista: metodologias e práticas de ensino personalizadas**. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 9, p. 495-503, 2024.

PONCE, Joice Otávio; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo**. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 342-357, 2019.

RODRIGUES, Amanda Séllos; CRUZ, Luciana Hoffert Castro. **Desafios da inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino de Ciências e Biologia**. Revista eletrônica Pesquiseduca, v. 11, n. 25, p. 413-425, 2019.

SEBASTIAN HEREDERO, Eladio. **A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares.** Acta Scientiarum. Education, p. 193-208, 2010.

TAVARES, Rita et al. **Universal Design for Learning: potencial de aplicação no Ensino Superior com alunos com NEE e por recurso a tecnologias mobile.** Educação, Formação & Tecnologias, v. 8, n. 1, p. 84-94, 2015.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental.** Research, Society and Development, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.

XAVIER, Noemi; SILVA, Zulene dos Santos Sousa. **Transtorno do espectro autista: a especialização profissional como base para a inclusão no processo educativo.** Logos & Culturas, v. 2, n. 2, p. 122-135, 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar.** Educação Unisinos, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018.